

## A AUTOBIOGRAFIA NAS AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

José Veranildo Lopes da COSTA JUNIOR<sup>1</sup>

E-mail: [jveranildo@hotmail.com](mailto:jveranildo@hotmail.com)

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

### RESUMO

Nos últimos anos, especialistas da área de didática de ensino/aprendizagem de Línguas Estrangeiras, apontam em suas pesquisas que existe uma dissociação entre língua e literatura nos cursos de Letras no Brasil. Partindo desta premissa, entende-se que por razões diversas, como a formação literária dos professores de LE, o hábito à leitura e a falsa concepção de que a literatura é destinada às elites letradas, o texto literário permanece distanciado das aulas de Língua Espanhola. No contexto universitário, sinaliza-se que a formação literária dos professores de E/LE é importante para (re)pensar o espaço da literatura nas aulas de Língua Espanhola, corroborando com o fim do círculo vicioso e da repetição das práticas no qual o trabalho com o texto literário resume-se a fins meramente gramaticais. Desta forma, percebe-se que o espaço dedicado à autobiografia é praticamente inexistente em sala de aula, embora se entenda a importância de conhecer a vida do autor para entender a obra literária. Acreditamos que a autobiografia permite ao estudante universitário conhecer a vida do escritor partindo do texto literário, evitando a descrição dos principais momentos da vida do autor em ordem cronológica. Nesta pesquisa, nos interessa particularmente discutir as potencialidades e possibilidades do trabalho com o texto literário, especialmente a autobiografia nas aulas de Língua Espanhola como Língua Estrangeira. Para tanto, nos apoiamos nas contribuições teóricas de Santoro (2007) Pinheiro-Mariz (2008) e Nardi (2007), que caminham na mesma perspectiva, ao apontar a importância do texto literário nas aulas de LE, além dos estudos de Pastor (2006) e Lago (2006).

**Palavras-chave:** Texto literário. Didática. Língua Espanhola.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras – Língua Espanhola pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. É mestrando em Linguagem e Ensino na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Contato: [jveranildo@hotmail.com](mailto:jveranildo@hotmail.com)

## 1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Existe nos cursos de Letras do Brasil uma divisão sincrônica entre Língua e Literatura, cujo resultado de tal divisão é um importante campo de decisões sobre o perfil do professor de Língua Estrangeira e os métodos de ensino aplicados nas aulas. Neste sentido, quando consideramos a formação acadêmica, que se inicia na graduação e termina nos cursos de doutorado, percebemos que a grande maioria dos programas de Pós-Graduação no Brasil solicitam que os discentes se dediquem a uma das grandes áreas: linguística ou literatura, como se as duas áreas fossem separadas, quando na verdade são apenas uma.

Nesta perspectiva, entre linguistas e literatos, existe um pequeno e ainda tímido grupo de pesquisadores que entendem que língua e literatura são áreas inseparáveis, e que, portanto, é necessário formamos profissionais de Letras que atendam as necessidades básicas de um profissional que se dedicam as duas áreas.

Dado a nossa preocupação com a situação do ensino de literatura nas aulas de Língua Estrangeira<sup>2</sup>, esta pesquisa se debruça sobre as contribuições do texto literário para as aulas de LE, a formação profissional em Letras e a presença da autobiografia nas aulas de Língua Estrangeira.

Para tanto, nos fundamentamos nas contribuições teóricas da área de didática do texto literário nas aulas de Língua Estrangeira, sobretudo nos estudos de Pinheiro-Mariz Santoro (2007), Pinheiro-Mariz (2007; 2008), Pastor (2006), Lago (2006), entre outros.

---

<sup>2</sup> Atualmente desenvolvo uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (POSLE/UFCG), que se debruça sobre a teoria da literatura em primeira pessoa e a didática do texto literário nas aulas de Língua Espanhola. Discutimos as escritas de si em Gabriel García Márquez e nos preocupamos na metodologia que possibilita o trabalho com a autobiografia na sala de aula.

## 2- LÍNGUA E LITERATURA: UMA RELAÇÃO INDISSOCIÁVEL

Embora nos últimos dez anos pesquisas que discutem as funções do texto literário no processo de ensino/aprendizagem de Línguas Estrangeiras tenham se destacado na academia, a discussão sobre o ensino de LE a partir da Literatura ainda causa controvérsias entre linguistas e literatos.

Por assim dizer, existe nos corredores dos cursos de Letras – sejam eles localizados nos interiores mais remotos ou nas grandes capitais do Brasil, uma divisão entre os que acreditam na potencialidade do texto literário para o ensino de Línguas e os que ignoram esta possibilidade didática. Este panorama de divisão entre língua e literatura apontado nos estudos de Santoro (2007) e Pinheiro-Mariz (2008) contribuem com a ideia de que língua e literatura são áreas diferentes, quando na verdade trata-se de uma única área do conhecimento, que se relacionam fortemente.

As razões apresentadas pelos linguistas que não acreditam nas potencialidades do TL para as aulas de LE são: o texto literário possui uma linguagem de difícil acesso, a literatura não é um recurso didático, os assuntos tratados são deslocados da realidade do aluno, entre outros. É por acreditamos justamente que estas razões citadas são uma grande possibilidade para melhorarmos o processo de ensino de línguas, que nos preocupamos com a presença do TL nas aulas de Língua Espanhola.

Entre os que acreditam nas potencialidades do texto literário para o ensino de LE, destacamos alguns argumentos que corroboram com a presença da Literatura na sala de aula de Língua Estrangeira, a saber:

Como professores nas áreas de língua e literaturas estrangeiras, e pelas experiências vivenciadas em sala de aula como docentes, acreditamos que o texto literário é capaz de tornar o aluno mais crítico/reflexivo e totalmente capaz de produzir enunciados em diferentes contextos. O uso da literatura estimula a percepção do aluno enquanto ser humano e como cidadão, ao abordar temas mais próximos a sua realidade. Vale ressaltar também a riqueza de

recursos explorados por um texto literário: a sonoridade, as diferentes figuras de linguagem, as várias construções de sentido possíveis através da linguagem literária, vocabulário, entre outros. (LIMA; LAGO, 2013, p. 269)

Para desconstruir os argumentos contrários à presença do Texto Literário nas aulas de Língua estrangeira, citamos abaixo algumas das razões que tornam a literatura como um espaço propício para o processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras:

- A literatura permite que o aluno desenvolva sua capacidade leitora, transformando a leitura literária em uma atividade cotidiana, a partir do deleite literário de um conto, de um poema, de um romance, etc.
- A literatura é uma mostra real da língua que permite ao aprendiz de uma LE o contato real com a língua viva e com novas culturas.
- A literatura é um espaço singular para trocas interculturais, o qual o aluno é convidado a conhecer a cultura do outro e a se (re)construir a partir das diferenças do estrangeiro.
- A literatura permite a aquisição de léxico, vocabulário e expressões idiomáticas utilizadas no cotidiano de uma determinada população cultural.
- A literatura transforma o aprendiz em um cidadão intercultural, na medida em que estimula a criticidade e o pensamento reflexivo.

Poderíamos elaborar uma lista com inúmeros argumentos e razões que corroboram com o uso da literatura nas aulas de língua estrangeira, e por assim dizer, acreditamos que o texto literário é um espaço harmônico que possibilita a

aprendizagem contextualizada da língua, dado que em tempos de globalização, o professor de línguas estrangeiras não pode seguir com as mesmas práticas de ensino que tornam a sala de aula em um espaço deslocado da realidade e das necessidades comunicativas e culturais do aprendiz.

É preciso uma transformação no ensino de línguas estrangeiras no Brasil, para que haja uma melhora expressiva do processo de ensino para que a língua estrangeira cumpra a sua função nos currículos da educação básica.

Caso contrário, continuaremos vivenciando um panorama de marginalização das línguas estrangeiras no currículo da educação básica e, continuaremos caminhando com um processo de ensino de Línguas distanciado da realidade e das necessidades comunicativas dos aprendizes.

Assim, acreditamos nas reflexões de Santoro (2007) e Pinheiro-Mariz (2008) que sinalizam para o potencial de desenvolvimento da aprendizagem de Línguas Estrangeiras a partir do Texto Literário. As pesquisas das duas especialistas caminham no mesmo sentido teórico, apontando para a necessidade de se trabalhar o TL na sala de aula, de modo que exista uma relação entre língua e literatura, que de fato, seja indissociável.

Acreditar no potencial do TL para o ensino de LEs é sair da zona de conforto que envolve a formação de professores em um círculo vicioso onde a sala de aula é um mero espaço de reprodução dos conhecimentos, deslocado da realidade e das necessidades de aprendizagem dos alunos para ir além. Trabalhar o TL em sala significa a conquista contínua de uma sala de aula de línguas reflexiva, interdisciplinar dado que a Literatura promove um diálogo inerente a outras áreas do conhecimento, tais como a Sociologia, a Antropologia, a Política e a Psicologia.

Embora que se admita que a Literatura é cada vez mais presente nas escolas brasileiras, deve-se admitir também que o TL têm encontrado inúmeros obstáculos nas salas de aulas. São inúmeras as razões para a marginalização do TL em sala de aula, entre elas, a falta de hábito de leitura de alunos e professores, a baixa formação literária da grande maioria de professores da educação básica, o valor dos livros

literários à venda nas livrarias que impossibilita a aquisição contínua de Literatura, entre outros fatores.

Porém, parece-nos que o fator mais nocivo à presença do TL nas salas de LEs reflete na reverberação das velhas práticas pedagógicas e dos velhos hábitos praticados na escola, sobretudo em relação à leitura e a formação literária. Aqueles que renegam o status do TL e a contribuição deste recurso para a aprendizagem de LEs, renegam também a função social da Literatura para a vida e para a formação de cidadãos críticos e de alunos reflexivos.

Desta forma, o comodismo que reverbera as velhas práticas e os velhos hábitos segue presente na sala de aula, embora perceba-se inúmeras pesquisas que sinalizam para a construção de salas de aulas reflexivas a partir do suporte do TL. Já não podemos admitir que na contemporaneidade o ensino de Línguas continue deslocado das necessidades comunicativas do aluno e da própria sociedade. É preciso abandonar as velhas práticas no qual o professor de LE ensina algumas estruturas básicas da Língua e faz uso do TL para exemplificá-las.

### 3- A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE LETRAS

É sabido que existe uma divisão entre Língua e Literatura nos cursos de Letras do Brasil, mas qual a relação desta divisão para a baixa qualidade do ensino de Línguas na Educação Básica? Pavan; Silva (2010) apontam que os cursos de Letras não tem cumprido sua função na formação de profissional de Letras, pois de acordo com os autores, algumas medidas precisam ser tomadas para que a formação do profissional de Letras atenda tais objetivos. Ainda nesta perspectiva, os autores mencionam a baixa qualidade dos cursos de Letras no Brasil. Assim, acreditamos que o currículo dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação no Brasil contribuem com uma divisão entre Língua e Literatura.

Desde o início de suas vidas acadêmicas, os alunos vivem língua e literatura como mundos separados e são levados, pela própria organização curricular, a perceber mais as diferenças do que as

analogias entre essas duas disciplinas. De fato, pela maneira como são estruturados, os cursos induzem-nos a formar-se numa lógica da separação, numa mentalidade dos compartimentos estanques que reforça e reitera um rígido sistema de ensino, no qual se prefere a comodidade da repetição de esquemas consolidados ao desafio da integração. (SANTORO, 2007, p. 13)

Evidentemente, nossas escolhas acadêmicas e gostos pessoais nos induzem a enfatizar nossas pesquisas em estudos linguísticos ou estudos literários, porém tais escolhas não devem impossibilitar que o profissional de Letras se dedique às duas áreas, ainda que sua formação acadêmica se volte para uma das áreas específicas. Percebemos que há nos cursos de graduação uma divisão sincrônica entre professores de literatura e professores de língua, e que tal divisão é um círculo vicioso na formação de novos pesquisadores e pode contribuir com a qualidade da formação acadêmica do profissional de Letras.

Parece-nos que é na Pós-Graduação que a divisão entre Língua e Literatura se acentua. Não obstante, encontramos com frequência a formação de dois Programas de Pós-Graduação na mesma universidade, como se o Programa de Pós-Graduação em Letras e o Programa de Pós-Graduação em Linguística fossem áreas do conhecimento separadas, que não se relacionam entre si.

Para ilustrar nossa discussão, citamos a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e os seguintes Programas de Pós-Graduação: em Letras (PPGL) e em Linguística (PROLING)<sup>3</sup>. Ambos os programas pertencem à mesma instituição de ensino, e elaboram seus editais de seleção de mestrado e doutorado de forma separada. Mas não seria o PPGL e o PROLING uma única área do conhecimento?

Na Universidade de São Paulo (USP), o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês<sup>4</sup> acolhem em um único Programa

<sup>3</sup> Para mais informações, buscar o site do Programa de Pós-Graduação em Letras e o Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB.

PPGL/UFPB: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/>

PROLING/UFPB: <http://www.cchla.ufpb.br/proling/>

<sup>4</sup> Para mais informações, buscar o site do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês da USP.

estudos da área de Língua e Literatura, ademais da área de Tradução. Acreditamos que este exemplo é essencial para entendermos que a formação do profissional de Letras pode (e deve) integrar ambas as áreas do conhecimento, e não dividi-las como acontece na UFPB. Talvez encontremos a principal motivação para a separação de língua e literatura em Pinheiro-Mariz (2007) *apud* Brait (2000):

No Brasil, por questões de tradição metodológica, foi necessário promover uma separação entre o ensino de língua e de literaturas maternas, principalmente nos cursos de graduação em Letras, o que, naturalmente, refletiu nos cursos secundários. Essa separação histórica “não passa de uma falsa dicotomia” (BRAIR, 2000, p. 187) Discutem-se pouco as inúmeras confluência entre essas duas vertentes, cujas fronteiras estão sempre muito próximas e, até mesmo por isso poderiam interagir com mais eficácia. (PINHEIRO-MARIZ, 2007, p. 20)

É nesta perspectiva que nossas discussões se preocupam: na aproximação entre os estudos linguísticos e literários por entendermos que as áreas de Linguística e Literatura são uma só, cabendo aos Programas de Pós-Graduação um repensar constante sobre que perfil de profissional em Letras deseja-se formar.

Assim, acreditamos que a formação de um profissional de Letras que contemple as áreas de Língua e Literatura contribuirá efetivamente para a melhoria do processo de ensino de Línguas Estrangeiras, e, sobretudo, no tratamento dado ao texto literário nas aulas de línguas, evitando desta forma que a literatura seja um pretexto para o trabalho com fins meramente gramaticais e estruturais da língua estudada, pois acreditamos na potencialidade da literatura para fins didática que vai muito além dos fins estritamente gramaticais praticados pela grande maioria de professores de línguas na atualidade.



#### 4- A AUTOBIOGRAFIA NA SALA DE AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

É sabido que existe na escola brasileira e nos cursos em Letras uma dicotomia entre Língua e Literatura, como se uma não estivesse interligada a outra, de forma indissociável. Porém, antes de discutirmos a relação entre Língua e Literatura na escola é preciso discorrer sobre a formação acadêmica, por entendermos que a dicotomia existente entre ambas as áreas se concretiza inicialmente nos cursos de formação de professores e nos Programas de Pós-Graduação, o que evidentemente, têm como resultado a presença desta divisão na escola e na atuação profissional de professores de LEs.

Partindo do pressuposto básico de que as práticas pedagógicas dos professores de LEs, sejam eles da Educação Básica ou da Universidade, se moldam na academia, pois é neste ambiente onde se aprende didática e metodologias de ensino, a formação acadêmica é um importante campo de decisões sobre qual profissional de LEs se quer formar. Assim, formar alunos baseado em uma práxis dicotômica entre Língua e Literatura, significa formar professores da Educação Básica que não vivem a relação harmônica existente entre ambas as áreas em suas práticas pedagógicas.

A divisão entre linguistas e literatos pode ser “justificada” por inúmeros fatores, a começar pela própria divisão dos Programas de Pós-Graduação, que em raras exceções possibilita que o pós-graduando desenvolva pesquisas interdisciplinares entre estudos linguísticos e literários.

Entendemos que o texto literário se encontra presente na sala de aula de língua estrangeira, contudo na grande maioria dos casos a literatura é um pretexto para o trabalho com fins meramente gramaticais.

Beserra (2014) na sua pesquisa de mestrado comparou as ementas do curso de Letras – Língua Espanhola de duas universidades públicas do Estado da Paraíba com o objetivo de discutir se estes documentos preveem o uso do texto literário nas aulas de língua espanhola. Segundo a pesquisadora, apenas uma das duas universidades

apresenta nas ementas de Língua Espanhola a presença de textos literários.

Nesta perspectiva, percebemos que o texto literário está presente nas aulas de língua estrangeira, contudo existem gêneros que não têm espaço na sala de aula – como os gêneros mais extensos. Parece-nos que os contos, os poemas e as crônicas são os gêneros favoritos pelos professores de LE, justificado, talvez, pela sua extensão curta, o que se adequa a baixa carga horária das aulas de LE.

Por assim dizer, as narrativas curtas estão presentes na sala de aula de LE, porém as narrativas mais extensas – como os romances e as autobiografias, não encontram um lugar de destaque nas aulas de LE. Obviamente que o trabalho com as narrativas curtas é favorecido em detrimento dos gêneros mais extensos por inúmeras razões, tais como a baixa carga horária das aulas de língua estrangeira e a facilidade de apreensão de sentido e compreensão das narrativas curtas.

Contudo, nesta pesquisa nos interessa particularmente discutir a presença da autobiografia para as aulas de língua espanhola. Considerando que o professor de língua espanhola tenha uma prática pedagógica que envolva a literatura em suas aulas, é fácil entendermos a dificuldade de trabalhar com a autobiografia na sala de aula. Se nas aulas de literatura materna, o professor sente dificuldade ao elaborar atividades e aulas que envolvam gêneros mais extensos, nas aulas de LE esta dificuldade se evidencia. É comum, nas aulas de literatura materna e estrangeira, estudarmos um escritor específico ou uma escola literária, e buscarmos informações sobre a vida do escritor para compreendermos o momento de construção de uma obra literária ou o seu projeto literário.

Não obstante, o professor escreve no quadro algumas informações em ordem cronológica sobre a vida do escritor, como o local e data de nascimento, as principais obras escritas, o lugar onde estudou, as principais cidades que influenciaram a sua escrita, entre outras informações. Evidentemente, na maioria dos casos, tais informações são desnecessárias e superficiais para analisarmos uma obra ou um período literário – pois é irrelevante saber informações da vida pessoal e privada do escritor. Contudo, sabemos que existe uma tendência por partes dos leitores em

conhecer a vida do escritor antes de adentrar a obra literária, esta tendência é sadia e pode resultar em trocas interculturais e desenvolver as mais diversas competências da língua estudada. O ponto chave nesta apresentação da vida do escritor é o que vai permitir ao aluno conhecer a vida do autor a partir de um texto literário, e não por eventos contados cronologicamente.

É a partir do uso da autobiografia na sala de aula de língua espanhola que o professor poderá apresentar ao aluno a história de vida do autor, adentrando ao mundo da literatura a partir de um texto literário cheio de significados e artifícios literários. Evidentemente, o trabalho com uma autobiografia em sala de aula não é dos mais simples, é necessário que o professor busque novas possibilidades para trabalhar este gênero em sala em consonância com as aulas de literatura, gerando um aprendizado da língua estudada, dado as inúmeras contribuições do texto literário para o ensino de línguas estrangeiras.

## 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com o texto literário nas aulas de línguas estrangeiras têm causado inúmeras discussões na academia, sobretudo mobilizado linguistas e literários, contrários e a favor, ao uso da literatura para a aprendizagem de um idioma estrangeiro. As discussões que envolvem a área da didática do texto literário na aula de língua estrangeira têm apontado para a literatura como um espaço essencial e importante para a aprendizagem de idiomas estrangeiros.

Nesta perspectiva, cabe ao professor de línguas o domínio de novas metodologias de trabalho que apontem para o texto literário como um espaço de aprendizagem que envolve inúmeros elementos como a literatura e a cultura, ademais da língua. Porém, é importante que ao levar o texto literário para a sala de aula não utilizemos a literatura como uma ferramenta baseada em fins meramente gramaticais, de análise estrutural da língua.

É neste horizonte que a área de didática da literatura em línguas estrangeiras

se debruça, para que professores e alunos reconheçam o status do texto literário para as aulas de língua, de modo que este seja uma ponte para os estudos literários, para a cultura, para a língua e para as demais manifestações que a literatura permite.

Portanto, nesta pesquisa, preocupados com a utilização do texto literário na sala de aula, pretendemos refletir sobre a utilização da autobiografia – um gênero mais extenso – no contexto de ensino de línguas estrangeiras, para evitar que o professor ao apresentar um determinado escritor escreva no quadro eventos em ordem cronológica, privando o aluno da riqueza de um texto literário, como a autobiografia.

## REFERÊNCIAS

BESERRA, Isolda Alexandrina Silva. *O texto literário em aulas de língua espanhola em contexto universitário*. Dissertação mestrado em Linguagem e Ensino: Universidade Federal de Campina Grande, 2014. Disponível em: <http://www.ual.ufcg.edu.br/posle/images/2/24/Disserta%C3%A7%C3%A3o - Isolda-vers%C3%A3o final.pdf> Acesso em: 01 de setembro de 2015.

DE NARDI, Fabiele Stockmans. *Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade: reflexões sobre o livro didático de espanhol como língua estrangeira*. Tese de doutorado em Letras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppgletas/defesas/2007/fabielestockmansnardi.pdf> Acesso em: 03 de setembro de 2015.

LIMA, Talles Henrique Alves de; LAGO, Neuda Alves do. *A imbricada relação entre língua e literatura: o texto literário na sala de aula de língua estrangeira*. SoLetras Revista, nº 26, 2013. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/7913> Acesso em: 01 de setembro de 2015

MILREU, I. É possível trabalhar literatura nas aulas de espanhol língua estrangeira? Revista Leia Escola. Campina Grande. UFCG. V. 10, n. 1, 2010.

MIQUEL, L. & SANS, N. El componente cultural: un ingrediente más en las clases de lengua. Revista redELE (revista electrónica de didáctica / español lengua extranjera). 2004. Nº 0. Disponível em: [http://www.mecd.gob.es/dctm/redele/MaterialRedEle/Revista/2004\\_00/2004\\_redELE\\_0\\_22Miquel.pdf?documentId=0901e72b80e0c8d9](http://www.mecd.gob.es/dctm/redele/MaterialRedEle/Revista/2004_00/2004_redELE_0_22Miquel.pdf?documentId=0901e72b80e0c8d9).

SERRANI, Silvana. *Discurso e Cultura na aula de Língua / currículo – leitura – escrita*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PAVAN, Carlos Alberto Gonçalves; SILVA, Kleber Aparecido da. *A (trans)formação de professores de línguas e as (novas) políticas educacionais sob o olhar da linguística aplicada contemporânea*. In: Ensinar e Aprender Línguas na Contemporaneidade: linhas e entrelinhas. Campinas: Pontes Editores, 2010.

PAIVA, R. S. C. de. O lugar do texto literário na formação de professores de espanhol da UERN: programas de disciplinas e crenças dos professores. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Disponível em: [http://www.uern.br/controldepaginas/disserta%C3%A7%C3%B5es%202012/arquivos/1014dissertacao\\_de\\_regiane\\_santos\\_de\\_cabral\\_paiva.pdf](http://www.uern.br/controldepaginas/disserta%C3%A7%C3%B5es%202012/arquivos/1014dissertacao_de_regiane_santos_de_cabral_paiva.pdf). Acesso em: 03 de setembro de 2015.

PINHEIRO-MARIZ, J. *O texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira*. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: [www.teses.usp.br/teses/.../8/.../TESE\\_JOSILENE\\_PINHEIRO\\_MARIZ.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/.../8/.../TESE_JOSILENE_PINHEIRO_MARIZ.pdf) Acesso em: 02 de setembro de 2015.

PINHEIRO-MARIZ, J. *Reflexões a respeito da abordagem do texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (FLE)*. Revista Eutomia. Recife. UFPE. Ano I- Nº 02. Dez/2008.

SANTORO, Elisabetta. Da indissociabilidade entre o ensino de língua e literatura: uma proposta para o ensino do italiano como língua estrangeira em curso de letras. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, 2007.